

O Candeeiro

O quintal de dona Algemira garante o sustento da família

Dona Algemira Dias da Mota Sousa tem 59 anos, é piauiense e há 28 anos mora em Campo Alegre de Lourdes, na comunidade Velame da Malhada, que fica há 40 km da cidade. Junto a seu esposo, Juraci Ferreira de Souza, 60 anos, cultivam em torno de 25 tarefas na área que moram. Em troca de serviços, o proprietário pagou em terra, passando para o casal 88 hectares. Como fica longe, a meta é vender para investir na que está nos arredores da casa. Dona Algemira e Seu Juraci tiveram 12 filhos, mas perderam três. Duas filhas que moram com eles cuidam dos afazeres domésticos, além de Aparecida que também tem sua produção de trabalhos artesanais. Os demais estão espalhados entre São Paulo, Piauí e Campo Alegre de Lourdes. Ela conta que, desde a primeira visita do SASOP, em 1998, não queimam mais o roçado e valorizam cada folha que cai, pois hoje têm a compreensão da riqueza que está na natureza, fortalecendo sua plantação.



A família de dona Algemira à sombra dos cajueiros

Da cana se faz ração e comercializa a garapa



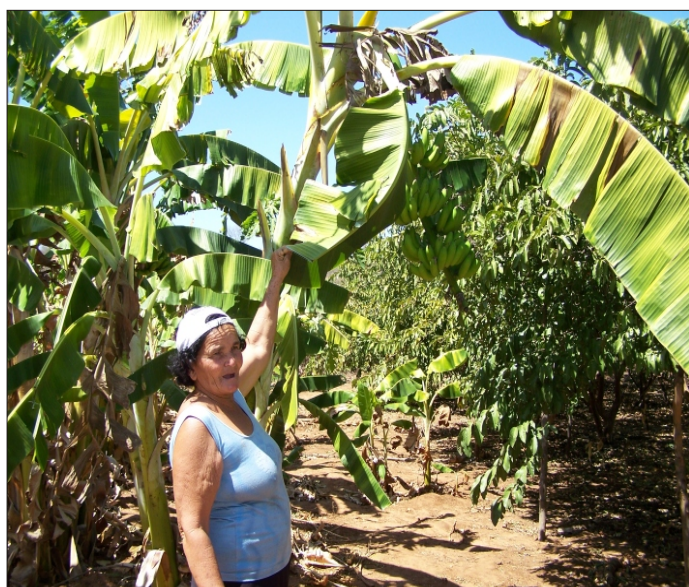
Dona Algemira e seu Juraci mostram a plantação de cana

Plantam milho, feijão, mandioca, abóbora, gergelim, sorgo, cana, banana, manga, goiaba, acerola, limão, mamão, seriguela, abacaxi, caju, verduras, plantas medicinais, além de palma consorciada com leucena. Logo no início, tiveram momentos de dificuldades para manter as fruteiras. Pegavam água longe. Com garrafas pet fizeram o processo de gotejo nas plantas, e mesmo assim morreram dois pés de laranja.

Dona Algemira diz que no começo, a cana era plantada para dar ração aos animais. Só que ao moer observou que poderia vender o caldo. Como não dava para pagar uma pessoa, ela entrou em acordo de

meeiro, ou seja, o caldo que é vendido se divide ao meio entre os dois. A garapa é armazenada em garrafas pet e guardadas na geladeira para conservar e não ficar ácida. Fica na geladeira no máximo por três dias. O valor varia. O litro sai a dois reais quando vendido direto ao consumidor, mas para o comerciante que faz a venda à varejo, ela passa por um real. Não sabe quantos litros vende por mês, mas de 8 em 8 dias vende 12 litros, portanto, a média é de 48 litros por mês. Dona Algemira vibra com sua idéia que contribui na renda familiar, além de ter evitar o desperdício.

A água para consumo humano, a família usa da cisterna, que foi uma das primeiras sorteadas pelo SASOP na região, em 1998. Filtram a água de beber. A água do barreiro que fica próximo ao quintal é para o uso



Dona Algemira e as variedades de frutas no seu quintal

geral, como lavar roupa, tomar banho, molhar as fruteiras e as verduras. Para facilitar a vida colocaram uma bomba que puxa a água, através de uma mangueira, até ao quintal da casa e a área das fruteiras. Esta idéia foi trazida pelos filhos e parentes que moram no Piauí. Só que este ano houve um rompimento no canal que enche a lagoa e, com isso, a água não teve força para encher o barreiro.

Para a bomba funcionar tem que ter água e o que resta no barreiro não vai segurar até o final da seca. Já se preparam para buscar água na barragem Baixão Velho, que é a mais próxima da propriedade, a um quilômetro e meio. Os animais também bebem água dessa barragem. A família tem éguas, cavalo, potro, porcos, cabras, ovelha e galinhas.

Frutas e legumes aumentam a renda familiar

Na época da goiaba Dona Algemira diz vender muito, 12 por um real, que corresponde a um quilo. Em breve está com a idéia de vender bananas e fazer doce, pois a banana de água é a melhor para cozinhar.

Até 2008 vendeu muita verdura na Malhada e redondeza. O que mais vendia era alface, coentro, pimentão, couve, pimenta, beterraba e repolho. Atualmente seus canteiros só dão para o consumo da família. Nos canteiros também tem hortelã, capim santo, alecrim, arruda e confrei.

Uma outra renda é através da venda da castanha do caju. O valor varia. No ano passado vendeu a oitenta centavos o quilo. Mas a polpa é ainda, praticamente, toda desperdiçada. Na próxima safra, de setembro a dezembro, vai experimentar fazer o suco para vender, já que não vai ter cana nesse período. Esse ano deu muita abóbora, mas como o valor estava muito baixo, usou somente para consumo da família, nas refeições e na produção caseira de doces e bolos. Serviu de alimento para os porcos e também foi doada para os vizinhos.

O sonho de Dona Algemira é ter uma cisterna de produção para poder cuidar melhor dos seus canteiros e fruteiras. Mesmo com toda a dificuldade, o que tem é o que garante uma alimentação nutritiva, melhor saúde e a aumento na renda de sua família. E o que economiza nas verduras complementa na compra de outros alimentos.